

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO PARA O
DESENVOLVIMENTO RURAL – PLAGEDER
HABILITAÇÃO: TECNÓLOGO EM DESENVOLVIMENTO RURAL**

**TRANSFORMAÇÕES NO MEIO RURAL E A SITUAÇÃO DOS
JOVENS: UM ESTUDO NA LOCALIDADE DE PICADA DO RIO,
AGUDO, RS.**

Aluno: Alexandre Adalberto Wilke
Professor: Guilherme Radomsky
Tutora: Josiane Wedig

Cachoeira do Sul - RS

2013

ALEXANDRE ADALBERTO WILKE

TRANSFORMAÇÕES NO MEIO RURAL E A SITUAÇÃO DOS JOVENS: UM ESTUDO NA LOCALIDADE DE PICADA DO RIO, AGUDO, RS.

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológica em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Orientador: Guilherme Radomsky

Cachoeira do Sul – RS

2013

ALEXANDRE ADALBERTO WILKE

TRANSFORMAÇÕES NO MEIO RURAL E A SITUAÇÃO DOS JOVENS: UM ESTUDO NA LOCALIDADE DE PICADA DO RIO, AGUDO, RS.

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural – PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Aprovado em: Porto Alegre, _____ de _____ de _____.

Guilherme Radomsky - Orientador UFRGS

Fabio Beck - UFRGS

Daniel Mocelin - UFRGS

Resumo:

O presente trabalho busca analisar os motivos que levaram os jovens da localidade de Picada do Rio, no município de Agudo – RS, a decidirem permanecer na atividade agrícola ou a sair em busca de novos desafios no meio urbano. Inicialmente foi realizado um levantamento de dados sobre a quantidade de propriedades existentes, do número de habitantes e da situação produtiva (ativa, arrendada, abandonada) que cada propriedade se encontrava no ano de 1991, depois se identificou a situação que estas propriedades se encontravam no ano de 2010, para então, fazer uma análise do que ocorreu com as propriedades durante este período. Durante o estudo se identificou os motivos que levaram ao êxodo de pessoas da localidade.

Palavras Chaves: êxodo rural; agricultura; políticas públicas.

Abstract:

This work seeks to analyze the reasons why Young people from the town of Picada do Rio, in the municipality of Agudo – RS, choose from stay there in agricultural activities or leave in search of new challenges in urban areas. At the beginning a survey was performed of data about the amount of existing properties, number of inhabitants and the productive situation(active, leased or abandoned) that each property was in 1991, later, identified the situation that these properties were in 2010, to then do an analysis of what happened to the properties during this period. During the study, we identify the causes that led to the exodus of local people

Keywords: rural exodus; agriculture; public polices

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Delimitação da área de pesquisa.....	16
Figura 2 - Propriedades de 1 a 5.....	17
Figura 3 - Propriedades de 6 a 10.....	18
Figura 4 - Propriedades de 11 a 16.....	18
Figura 5 - Propriedades de 17 a 24.....	19
Figura 6 - Propriedades de 25 a 30.....	19
Figura 7 - Propriedades de 31 a 42.....	20
Figura 8 - Propriedades de 43 a 60.....	20

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Quadro das propriedades.....	21
Tabela 2 – Classificação quanto ao tipo de propriedade.....	22
Tabela 3 – Classificação habitantes por propriedade.....	23
Tabela 4 – População do município de Agudo – RS.....	23
Tabela 5 – situação das propriedades.....	24
Tabela 6 – Motivos que levaram os jovens a ficar ou a sair.....	30

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. JOVENS RURAIS E SEUS DESAFIOS.....	12
2.1 Juventude.....	12
2.2 Juventude no meio Rural	12
3. A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO RURAL DA LOCALIDADE PICADA DO RIO....	15
4. MOTIVAÇÕES PARA PERMANÊNCIA OU SAÍDA DOS JOVENS DO CAMPO..	26
CONCLUSÃO.....	32
REFERENCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

As comunidades rurais estão passando por transformações significativas, na forma de trabalhar e no estilo de viver. A tecnologia é a grande responsável por estas transformações, seja pelos equipamentos modernos como tratores, colheitadeiras e implementos agrícolas que vieram para facilitar a vida dos agricultores, seja pela internet, telefonia móvel, televisão a cabo, que trouxeram mais conforto e bem estar para os moradores do meio rural.

Mas mesmo com estas mudanças o campo está se esvaziando, principalmente da presença de jovens e, sem eles, a população rural está envelhecendo e isto gera dificuldades na realização das tarefas do campo.

O município de Agudo está localizado no centro do estado do Rio Grande do Sul a 60 km de Santa Maria. O nome "Agudo" é devido ao morro situado a oeste do município com 429 metros de altura que tem uma característica acentuada. O morro é considerado uma atração local e encontra-se de frente à avenida principal da cidade (Avenida Concórdia).

A agricultura é a principal força motriz da economia agudense, destacando a cultura do arroz e fumo, o morango em menor escala também se destaca, além de outras culturas de autoconsumo como milho, feijão, mandioca, batata-doce, batata-inglesa e frutas. Uma característica herdada pelos imigrantes alemães e bem disseminada é a existência de horta e pomar de frutíferas nas propriedades. Na pecuária, cria-se o gado de forma extensiva, para uso da própria família criadora (carne, couro, banha, leite), e vende-se o excedente.

Apesar de ter como vizinhos alguns municípios pertencentes à Quarta Colônia de Imigração Italiana, Agudo é a cidade sede da Colônia Santo Ângelo, de imigração alemã. A cultura herdada pelos imigrantes é presente até hoje e pode ser observada em algumas manifestações de Agudo como feiras, festas e a tradição da língua alemã, que ainda é ensinada tanto domesticamente quanto nas escolas, preservada principalmente no meio rural. Com isso é possível facilmente ver pessoas falando o idioma.

No município, onde se realizou o estudo de caso, a população rural vem diminuindo em função da saída do jovem do campo, gerando perda de arrecadação e dificuldades para a população local.

As comunidades do interior do município estão cada vez menos povoadas. Conforme dados do IBGE, em 1970, a população rural do município era de 12.505, em 2000 se reduziu a 11.800 e, por fim, no ano de 2010, somente 9.835 pessoas moram no meio rural do município.

A comunidade de Picada do Rio vem sofrendo a mesma evasão. Não existem dados que mostrem os motivos desta evasão, nem se são jovens ou famílias que migram, muito menos as conseqüências que estes movimentos migratórios trazem para o município.

Para entender o fenômeno do êxodo rural, surgiu a motivação de se realizar o presente trabalho, buscando identificar e analisar os motivos que influenciam os jovens da localidade de Picada do Rio, no município de Agudo (RS), a permanecer ou sair do meio rural, tendo como referência os anos de 1991 e 2010.

Além disso, procurou-se analisar as conseqüências que as decisões destes jovens trouxeram para a unidade de produção agropecuária, para o bem-estar familiar e para as políticas públicas em nível local e regional.

Considera-se que, identificando as causas do êxodo rural e as conseqüências que este fenômeno trouxe para as famílias, é possível formular políticas públicas que minimizem as perdas para a localidade. Por isto a relevância de fazer este trabalho.

Tendo em vistas estes problemas que o espaço rural do município enfrenta, o objetivo geral do trabalho consistiu em identificar os motivos que levaram os jovens, nos últimos vinte anos, a decidir permanecer na propriedade rural da localidade de Picada do Rio em Agudo – RS, ou ir para os centros urbanos. Do mesmo modo, buscou-se analisar as conseqüências que as decisões destes jovens trouxeram para as unidades de produção agropecuária, para o bem-estar familiar e para as políticas públicas em nível local e regional e analisar os prejuízos para localidade e região com a perda desta população.

Na pesquisa de campo visou-se a identificar e analisar as variáveis que influenciaram os jovens da localidade de Picada do Rio, no município de Agudo (RS), a permanecer ou sair do meio rural nos últimos vinte anos. Este estudo se classifica como qualitativo e quantitativo, utilizando também algumas abordagens estatísticas (percentuais).

A pesquisa qualitativa, de acordo com Diehl e Paim (2004), deve ser utilizada para compreender um determinado problema e como as variáveis se

interagem entre si, compreender e classificar os processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança e entender as particularidades do comportamento dos indivíduos.

Este estudo consiste em um estudo de caso. Segundo Diehl e Paim (2004) o estudo de caso é feito em profundidade e exaustivo, com um ou poucos objetos, de maneira a permitir seu amplo e detalhado conhecimento. Para isto foram utilizadas duas ferramentas metodológicas: revisão bibliográfica e entrevistas.

A revisão bibliográfica objetivou a reflexão sobre a situação dos jovens do meio rural, a partir da abordagem dos seguintes temas: o que é juventude, como vivem os jovens do meio rural e o que os influencia na hora de decidir entre ficar na propriedade ou ir para as cidades.

Foram realizadas entrevistas com um roteiro semiestruturado com cinco jovens e seus familiares que decidiram sair e outros cinco que decidiram ficar nas propriedades nos últimos vinte anos. Para Gil (1999), entrevista é uma técnica em que o pesquisador busca através perguntas ao entrevistado obter informações e dados que possam ajuda-lo a atingir os objetivos de sua pesquisa

Através dos resultados das pesquisas e da revisão bibliográfica pretendeu-se atender os objetivos propostos com este trabalho.

2 JOVENS RURAIS E SEUS DESAFIOS

2.1 Juventude

Segundo Dalcin e Troian (2009), o tema juventude é complexo, já que trata de indivíduos em fase de mudança psicossocial, isto é, pessoas que estão deixando de serem crianças e partindo para a fase adulta. Abordando-se os jovens no meio rural, surgem questionamentos quanto à permanência na propriedade e consequente continuidade dos afazeres da família, ou ao abandono da propriedade rural familiar com vistas à mudança do modo de vida nas cidades.

É difícil determinar o período, ou seja, a idade que inicia e que termina a juventude de um indivíduo, para alguns este período cronológico da vida começa aos quinze anos e termina aos vinte e quatro.

Esta etapa da vida para a maioria dos seres humanos pode ser considerada a melhor de suas vidas, nela ocorre às descobertas sobre o amor e o sexo, a força física se encontra em seu apogeu e os sonhos sobre o futuro, o que se deseja ser quando se tornar adulto começa a tomar forma.

Para Martins (2008) a juventude pode ser definida como uma categoria ao mesmo tempo social, histórica e culturalmente determinada, cujos significados remetem à forma como as sociedades estabelecem divisões entre as idades e entre as pessoas, e se expressam em formas de socialização e padrões.

O fim da juventude pode ser definido quando o indivíduo dá início a sua vida profissional, se sustenta financeiramente, forma a sua própria família deixando a casa de seus pais. Nesta etapa ocorre a emancipação do indivíduo seja por ter atingido a maioridade ou por força da lei.

Os jovens do campo têm peculiaridades específicas que os diferenciam dos jovens do meio urbano. Na elaboração deste estudo é importante compreender o mundo onde vivem.

2.2 O jovem no meio rural

Quando se fala em jovem rural a imagem que a maioria das pessoas que vivem nos grandes centros urbanos do país tem, é de um adolescente com chapéu, enxada, bota,... ao lado dos pais trabalhando nas lavouras, aprendendo o ofício da

agricultura para posteriormente substituí-los no comando da propriedade. Esta imagem fica associada a de uma pessoa atrasada, fora de época e do contexto mundial. Esta situação era comum no passado, ainda existe no presente, porém a situação da maioria dos jovens rurais atual é outra.

Os jovens rurais hoje, na sua grande maioria, possuem motos ou carros ou camionetas luxuosas, estudam nas mesmas escolas dos jovens do meio urbano, participam de inúmeras atividades sociais nas cidades onde residem. Muitos estudam em universidades e gozam de um bom padrão de vida sustentados pelos rendimentos das propriedades de seus pais, em contrapartida muitos outros precisam continuar trabalhando nas lavouras a fim de ajudar no sustento de suas famílias.

Para Camarano e Abramovay (1998), a população rural atingiu seu máximo em 1970 com aproximadamente 41 milhões de habitantes o que correspondia a 44% da população total do país. A redução da população rural se deve fundamentalmente aos movimentos migratórios que levam os indivíduos do campo para as cidades. Dentro destes movimentos os autores observaram que o número de mulheres é superior ao dos homens, o que vem gerando a masculinização do meio rural.

O movimento migratório pode ser definitivo ou parcial. Parcial é quando o jovem deixa o campo para estudar em centros maiores e depois volta para a propriedade, após o término do estudo. Esta circulação e acesso ao estudo, faz com que a diferença entre jovens rurais e urbanos seja minimizada.

Martins (2008) faz esta reflexão e indaga se os jovens rurais viveriam uma situação específica frente aos jovens “urbanos”, e caso isso ocorresse, no que consistiria a diferença entre eles. Weisheimer (2005) *apud* Martins (2008) questiona se, frente ao fato do meio rural se tornar cada vez mais complexo e não exclusivamente agrícola, haveria sentido em trabalhar com essa dicotomia rural-urbano. Ele se refere aos tênues limites entre campo e cidade, promovidos, sobretudo, por transformações como o maior acesso aos meios de comunicação e pelo trânsito dos jovens rurais entre distintos espaços.

No presente trabalho se considera juventude rural aquele jovem filho de agricultores, produtores rurais, que reside ou que morou na propriedade agrícola durante um período de sua vida.

Os jovens rurais nos movimentos migratórios são os mais atingidos, seduzidos pelas vantagens que o meio urbano oferece como festas, entretenimento, oportunidades de estudo e outros.

Segundo Costa (2004), existe uma urbanização da cultura que vem no modo de viver, de vestir, de se alimentar, na educação, tudo é bastante urbanizado e isto chegou ao campo. Os principais atingidos com isto são os jovens, porque se tornam o alvo desta cultura, desta nova cultura que está sendo imposta. Desta forma, o jovem não quer mais ficar no campo porque não vê perspectivas de crescimento, de qualidade de vida. Neste caso qualidade de vida levando em conta somente ganhos financeiros e não os outros fatores que envolvem a mesma como segurança, alimentação, natureza, etc. Segundo a autora, estes fatores ligados a urbanização da cultura provocam a fuga dos jovens do campo para a cidade.

Um outro fator que incentiva a saída dos jovens do campo está no fato de não terem participação na renda da família, então sempre que desejam comprar algo ou sair precisam pedir dinheiro aos pais e isto é muito desgastante.

Para Martins (2008) a migração definitiva dos jovens no campo e a recusa à profissão de agricultor têm sido apontadas não apenas como uma tendência dos jovens de serem atraídos pela cidade por melhores oportunidades de emprego e por acesso a bens e serviços, mas associadas também aos conflitos e às relações familiares, principalmente ao lugar que os jovens ocupam na hierarquia da família. A saída expressiva das moças do meio rural relaciona-se também à maneira como se dá a divisão do trabalho nas unidades rurais de produção e pela invisibilidade do trabalho doméstico.

Nos últimos anos a tecnologia e os investimentos públicos vêm diminuindo a diferença entre a população rural e urbana, exemplo disto são as televisões, internet, telefonia celular e outros, estes benefícios contribuem para a permanência do jovem no campo. Outro fator importante que faz o jovem permanecer no campo está no fato que na cidade são empregados, precisam cumprir ordens e horários e no campo são donos do próprio negócio.

Em contra-partida as causas que mais contribuem para a saída do jovem do meio rural é a falta de perspectiva de futuro em termos econômicos, a falta de uma renda mensal fixa para seus gastos particulares e a não valorização de suas ideias na hora de tomar decisões sobre a propriedade.

3. A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO RURAL DA LOCALIDADE PICADA DO RIO

A localidade de Picada do Rio, no município de Agudo – RS, iniciou sua colonização no ano de 1858 quando o Barão Von Kahlden realizou o sorteio de lotes coloniais. Ao todo foram distribuídos 57 lotes, sendo 34 para famílias, 17 para solteiros e 6 para viúvos, todos estes vindo da Alemanha da região da Prússia. Cada lote tinha em torno de 30 hectares, tomados por mata nativa. Muitos pensaram em desistir, mas não tinha mais como voltar para Alemanha e tiveram que abrir lavouras para plantar batata, milho e outras. A picada do Rio foi a primeira estrada, ou picada, aberta dentro da colônia Santo Ângelo, o nome se deve ao fato da estrada ficar margeando o Rio Jacuí (Werlang, 1995).

As transações comerciais ocorreriam via rio Jacuí através de um porto denominado Porto Agudo até Cachoeira do Sul ou Porto Alegre, os produtos comercializados eram basicamente agrícolas e depois madeira de lei.

Os primeiros moradores construíram suas residências na margem do rio Jacuí, mas em novembro de 1860, ocorreu uma grande enchente e os colonos começam a construir as casas na primeira elevação a beira do rio Jacuí e inclusive tiveram que modificar o trajeto da estrada e passá-la entre as elevações, pois as enchentes eram e são comuns, inundavam toda a área e interrompia todo o tráfego de carroças.

A região, após 1880, ficou conhecida como o local onde vertia o ouro amarelo, uma referência à produção de arroz da várzea do rio. Esta produção teve um grande salto com a chegada das primeiras máquinas a vapor.

Nos anos de 1950 a localidade tinha hospital, banco, rodoviária, posto de gasolina e diversos pequenos comércios. Com a fundação do município de Agudo, em 1959, a localidade aos poucos foi perdendo estes empreendimentos (Werlang, 1995).

Atualmente, pode-se dizer que a localidade está estagnada, estabelecimentos comerciais continuam os mesmos e não abrem outros, a população está diminuindo, o poder público municipal realiza ações, como a implantação de um posto de saúde e o aglutinamento de estudantes de escolas menores de outras localidades na escola da Picada do Rio, mas nas últimas décadas a localidade de Picada do Rio sofreu um forte êxodo rural.

O presente trabalho propôs fazer uma investigação na localidade sobre as motivações da migração ou da permanência das pessoas. Este estudo é delimitado, conforme a figura 1 abaixo, entre os riachos General Osório e Corupa.

Figura 1 – Delimitação da área de pesquisa



Fonte: Google Earth

A localidade de Picada do Rio é de origem germânica. Sua fonte principal de renda é agricultura onde predominam as culturas de arroz e tabaco. Na localidade existe posto de gasolina, supermercado, cerealista, metalúrgica, igreja, salão comunitário e casa pastoral, escola, posto de saúde e bares. Iniciou-se em 2013 o calçamento de aproximadamente 500 metros da localidade.

Na delimitação da área de pesquisa, foram identificadas sessenta propriedades, onde se procurou saber a situação em que se encontram atualmente e como estavam no ano de 1991. As informações obtidas foram coletadas através de visitas e entrevistas com os agricultores que habitam na localidade, com os quais se procurou identificar;

- O tipo de propriedade em 1991 e 2010 (agrícola, empresarial, serviço, casa para empregado, escola e comunitária).
- Quem era o proprietário em 1991 e 2010

- O número de habitantes na propriedade em 1991 e 2010
- A situação da propriedade em 1991 e 2010 (ativa, abandonada, arrendada)

Pelo fato do autor do trabalho ser morador da localidade, as informações sobre a situação de cada propriedade, os jovens que saíram e os que ficaram, o nome dos proprietários em 1991 e em 2010, o número de habitantes e a situação de cada propriedade tornaram a coleta dos dados facilitada.

O período de 1991 e 2010 foi escolhido pelo autor, para que fosse possível fazer uma comparação com dados do censo do IBGE, a fim de identificar se a localidade sofreu mais ou menos êxodo de pessoas do que o município e a região.

Foram realizadas cinco entrevistas com os jovens que saíram da localidade e cinco com os jovens que permaneceram, bem como inúmeras visitas às famílias residentes para buscar informações. Fato que também foi facilitado pelo grande número de parentes, irmãos e primos que são vizinhos.

As imagens abaixo mostram a localização de cada propriedade na localidade de Picada do Rio. A Tabela – 1 resume as informações obtidas.

Figura 2 – Propriedades de 1 a 5



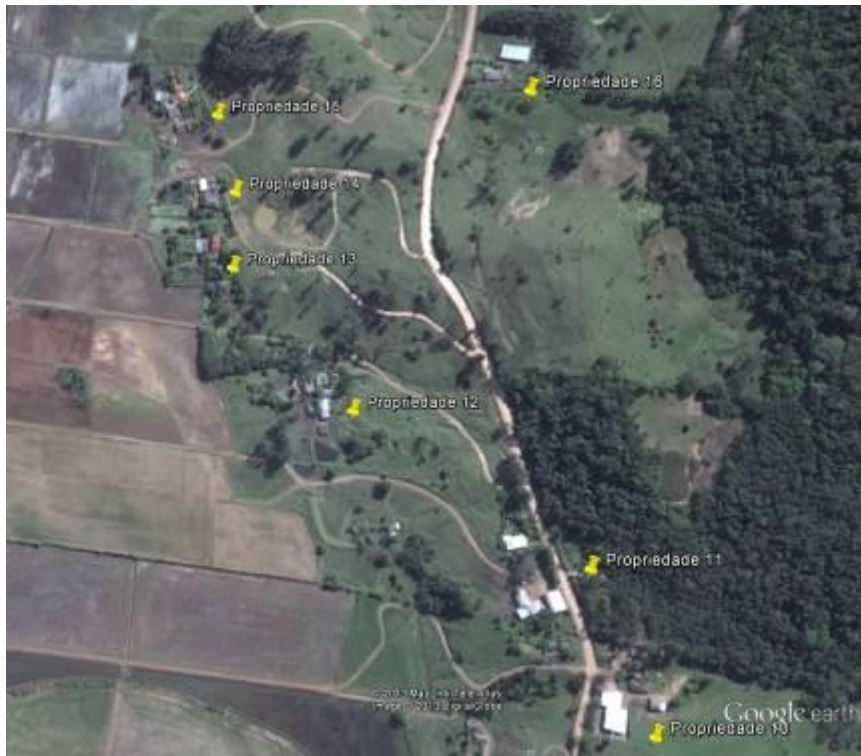
Fonte: Google Earth

Figura 3 – Propriedades de 6 a 10



Fonte: Google Earth

Figura 4 – Propriedades de 11 a 16



Fonte: Google Earth

Figura 5 – Propriedades de 17 a 24



Fonte: Google Earth

Figura 6 – Propriedades de 25 a 30



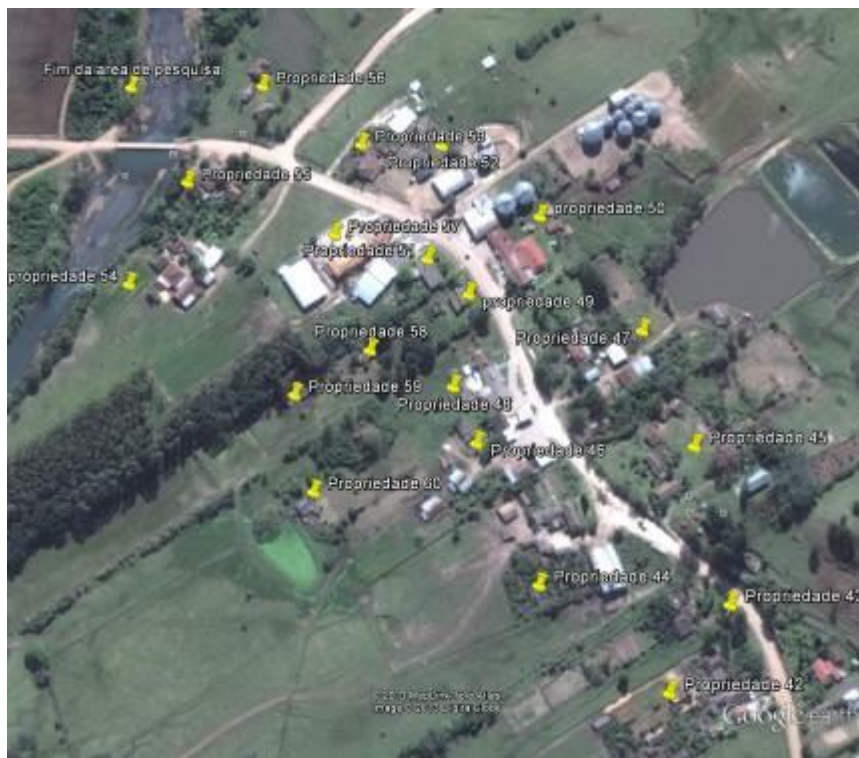
Fonte: Google Earth

Figura 7 – Propriedades de 31 a 42



Fonte: Google Earth

Figura 8 – Propriedades de 43 a 60



Fonte: Google Earth

Tabela 1 – Quadro das Propriedades

Propriedade	Ano 1991				Ano 2010				Obs
	Tipo	Proprietário	Pessoas	Situação	Tipo	Proprietário	Pessoas	Situação	
Nº1	Agrícola	A. Streck	6	Ativa	Agrícola	A. Streck	3	Ativa	
Nº2	Agrícola	Neuenfeld	8	Ativa	Agrícola	Neuenfeld	4	Ativa	
Nº3	Agrícola	H. Streck	4	Ativa	Agrícola	H. Streck	2	Arrendada	
Nº4	Agrícola	Neu	7	Ativa	Agrícola	Neu	4	Ativa	
Nº5	Agrícola	D. Kegler	6	Ativa	Agrícola	D. Kegler	3	Ativa	
Nº6	Agrícola	F. Mayer	2	Ativa		F. Mayer		Abandonada	
Nº7	Agrícola	D. Mayer	4	Ativa		D. Mayer		Abandonada	
Nº8	Agrícola	T. Mayer	4	Ativa	Agrícola	T. Mayer	3	Ativa	
Nº9	Agrícola	I. Thon	6	Ativa	Agrícola	I. Thon	4	Ativa	
Nº10	Agrícola	H. Busque	6	Ativa	Agrícola	H. Busque	4	Ativa	
Nº11	Agrícola	Graffunder	5	Ativa	Agrícola	Graffunder	1	Ativa	
Nº12	Agrícola	A. Kegler	3	Ativa	Agrícola	A. Kegler	3	Ativa	
Nº13	Agrícola	A. Busque	4	Ativa	Agrícola	A. Busque	2	Ativa	
Nº14	Agrícola	J. Busque	6	Ativa	Agrícola	J. Busque		Arrendada	
Nº15	Agrícola	C. Kegler	4	Ativa	Agrícola	C. Kegler	2	Ativa	
Nº16					Agrícola	J. Busque	3	Ativa	Nova
Nº17	Agrícola	I. Busque	2	Ativa		I. Busque		Abandonada	
Nº18	Agrícola	D. Paul	7	Ativa		D. Paul		Abandonada	
Nº19	Agrícola	D. Paul	5	Ativa		D. Paul		Abandonada	
Nº20	Agrícola	D. Paul	5	Ativa	Agrícola	D. Paul	3	Ativa	
Nº21	Serviços	G. Campos	6	Ativa	Agrícola	A. Paul		Ativa	Adquirida
Nº22	Serviços	T. Campos	6	Ativa	Agrícola	A. Paul		Ativa	Adquirida
Nº23	Serviços	W. Campos	4	Ativa	Agrícola	A. Paul		Ativa	Adquirida
Nº24	Agrícola	D. Roschetoide	3	Ativa	Agrícola	D. Roschetoide		Arrendada	
Nº25	Agrícola	P. Prochnov	5	Ativa	Agrícola	P. Prochnov	3	Ativa	
Nº26	Agrícola	M. Jaeger	2	Ativa		M. Jaeger		Abandonada	
Nº27	Empresa	M. Jaeger	4	Ativa		M. Jaeger		Abandonada	
Nº28	Agrícola	O. Nella	2	Ativa	Agrícola	O. Nella	2	Arrendada	
Nº29	Agrícola	W. Paul	2	Ativa		I. Thon		Abandonada	Adquirida
Nº30	Agrícola	W. Paul	2	Ativa	Agrícola	W. Paul	2	Arrendada	
Nº31	Agrícola	N. Graffunder	2	Ativa	Agrícola	N. Graffunder		Arrendada	
Nº32	Agrícola	D. Streck	4	Ativa	Agrícola	D. Streck	2	Ativa	
Nº33	Agrícola	O. Jann	6	Ativa	Agrícola	E. Jann		Arrendada	
Nº34	Agrícola	F. Streck	4	Ativa	Agrícola	D. Streck	2	Arrendada	
Nº35	Agrícola	D. Bender	6	Ativa	Agrícola	D. Bender	2	Arrendada	
Nº36	Empresa	M. Rohde	2	Ativa	Empregado	J. Busque	2	Ativa	Adquirida
Nº37	Agrícola	J. Busque	2	Ativa	Agrícola	J. Busque	3	Ativa	
Nº38					Agrícola	E. Atsman	2	Ativa	Nova
Nº39	Agrícola	E. Atsman	4	Ativa		E. Atsman		Abandonada	
Nº40	Empregado	D. Bender	4	Ativa		D. Bender		Abandonada	
Nº41	Agrícola	E. Wilke	6	Ativa	Agrícola	E. Wilke	1	Arrendada	
Nº42	Agrícola	R. Wilke	3	Ativa	Agrícola	R. Wilke	2	Arrendada	
Nº43	Agrícola	Golke	2	Ativa	Empregado	I. Prochnov	4	Ativa	Adquirida
Nº44	Agrícola	I. Prochnov	3	Ativa	Agrícola	I. Prochnov	4	Ativa	
Nº45	Agrícola	M. Janner	5	Ativa	Agrícola	M. Janner	2	Ativa	
Nº46	Empresa	F. Prochnov	5	Ativa	Empresa	F. Prochnov	2	Ativa	
Nº47	Empresa	A. Wilke	2	Ativa	Empresa	A. Wilke	1	Ativa	
Nº48	Agrícola	F. Prochnov	4	Ativa		F. Prochnov		Abandonada	
Nº49	Empregado	A. Wilke		Abandonada	Empregado	A. Wilke	5	Ativa	
Nº50	Empresa	R. Bender	6	Ativa	Empresa	R. Bender	4	Ativa	
Nº51	Comunitária		2	Ativa	Pastor	Comunitária	3	Ativa	
Nº52					Agrícola	I. Prochnov	4	Ativa	Nova
Nº53	Agrícola	G. Roschetoide	5	Ativa	Agrícola	G. Roschetoide	2	Arrendada	
Nº54	Agrícola	D. Schiefelbein		Abandonada	Empregado	R. Bender	3	Ativa	Adquirida
Nº55	Agrícola	W. Schiefelbein	6	Ativa	Empresa	E. Kegler	1	Ativa	Adquirida
Nº56	Agrícola	Kesseler	4	Ativa		Kesseler		Abandonada	Adquirida
Nº57	Escola	Publica	40	Ativa	Escola	Publica	96	Ativa	
Nº58	Empregado	A. Wilke	8	Ativa	Empregado	A. Wilke	4	Ativa	
Nº59	Empregado	A. Wilke	5	Ativa	Empregado	A. Wilke	3	Ativa	
Nº60	Agrícola	W. Campos	4	Ativa		W. Campos		Abandonada	Adquirida

Fonte: Pesquisa de campo, 2013

Analisando as propriedades quanto ao tipo, pode-se classificá-las como:

- **Agrícola:** propriedade onde a fonte principal de renda é a agricultura.
- **Empresa:** propriedade onde a fonte principal de renda é o comércio.

- **Serviço:** propriedade onde a fonte principal de renda é o serviço como diarista (mão-de-obra assalariada).
- **Empregado:** Casa dos empregados nas propriedades.
- **Escola:** espaço para educação de crianças e jovens
- **Comunitário:** espaços construídos pela comunidade.

A tabela 2 faz uma comparação quanto ao tipo de propriedades existentes em 1991 e 2010. É importante ressaltar que o número de propriedades foi estabelecido como sendo a quantidade de casas de moradia da localidade.

Tabela 2 – Classificação quanto ao tipo de propriedade

Tipo de propriedade	1991	2010	Diferença
Agrícola	43	35	-18,6 %
Empresa	5	4	-20,0 %
Serviço	3	0	-100,0 %
Casa de empregado	4	6	+50,0 %
Escola	1	1	Igual
Comunitário	1	1	Igual
Total	57	47	-17,5 %

Fonte: Pesquisa de campo, 2013

Após o mapeamento das propriedades na comunidade, em que se buscou identificar as transformações que as mesmas sofreram entre os anos de 1991 e 2010, passa-se á análise das informações obtidas qualitativamente, conforme explicado na introdução deste trabalho.

Em 1991 existiam 43 propriedades rurais ativas, ou seja, produzindo alimentos e sustentando famílias através da agricultura, em 2010 este número baixou para 35 propriedades. Atualmente, das 35 propriedades ativas, 23 são geridas pelas famílias que são proprietárias e 12 propriedades continuam a produzir alimentos, porém, com as terras arrendadas. Neste último caso as famílias continuam morando nas propriedades mas, vivem da aposentadoria e dos lucros oriundos do arrendamento.

O número de habitantes da localidade caiu drasticamente nestas duas últimas décadas. Após visitas às propriedades, onde se perguntou quantas pessoas viviam nela em 1991 e quantas residiam em 2010, o número apresenta uma redução

de 43 %, muito mais do que o IBGE apresenta em seu último censo de 2010 (conforme, tabela 4), onde a redução da população rural de 1991 para 2010 foi de 20,73% para o município de Agudo - RS.

Tabela 3 – Classificação habitantes por propriedade

Habitantes Propriedade	1991	2010	Diferença
Rural	132	74	- 43,9 %
Empresa	19	8	- 57,9 %
Serviço	16	0	- 100,0 %
Casa de empregado	17	21	+ 23,5 %
Comunitário	2	3	+ 50,0 %
Total	186	106	- 43,0%

Fonte: Pesquisa de campo, 2013

Esta redução maior de habitantes na localidade quando comparada a do IBGE no município, para o mesmo período, pode ter relação com o aumento da tecnologia utilizada na produção de arroz, cultura predominante na localidade. O surgimento de cultivares mutagênicos, sistemas de produção como o pré-germinado e os herbicidas e os inseticidas novos diminuíram a necessidade de mão-de-obra por hectare.

Tabela 4 – População do município de Agudo – RS

Evolução populacional de Agudo			
Ano	População urbana	População rural	População total
1960	1.126	11.510	12.636
1970	1.665	12.536	14.201
1980	2.432	13.226	15.658
1991	4.206	12.407	16.713
2001	5.655	11.800	17.455
2010	6.894	9.835	16.729

Fonte IBGE

A revolução verde trouxe benefícios para a produtividade de todas as culturas, ganhos financeiros maiores e melhor qualidade de trabalho (mecanização), em contrapartida impulsionou a saída de muitas pessoas do campo, aumentou o número de pessoas com doenças oriundas do uso excessivo de herbicidas e acabou com a produção ecológica de diversas culturas.

Os agricultores cometam que não compensa mais criar porco e galinha porque o custo com a criação é maior do que comprar no mercado, o mesmo vale para as hortaliças e outros, os agricultores se tornaram produtores de uma só cultura.

O aumento de propriedades arrendadas e abandonadas também contribuiu para a diminuição da população. A concentração das terras nas mãos de poucos proprietários juntamente com o aumento da tecnologia são as causas principais para redução da população da localidade.

Tabela 5 – situação das propriedades

Situação das Propriedade	1991	2010
Ativa	55	32
Arrendada	0	12
Abandonada	2	13
Novas	0	3
Total	57	60

Fonte: Pesquisa de campo, 2013

O número de propriedades ativas em 1991 era de 55 passando para 44 propriedades se somarmos as ativas e as arrendadas, uma vez que as arrendadas estão produzindo, portanto, pode-se considerá-las ativas.

A diminuição das propriedades ativas de 55 para 32 é o resultado direto da escolha do jovem de sair do meio rural. Bem como o número de propriedades abandonadas que aumentou de duas para treze propriedades o que contribuiu em muito para a diminuição da população da localidade. Neste período surgiram somente três novas propriedades. Em cem por cento dos casos onde a propriedade foi abandonada ou arrendada se deve a falta de sucessão dentro da família.

Nas propriedades onde o jovem decidiu ficar houve um incremento de renda e de área cultivada e conseqüentemente uma melhoria no padrão de vida da família. Uma questão fundamental para permanência do jovem na propriedade é ter um relacionamento com os pais.

A diminuição de oitenta pessoas pode ser quantificada como perdas para a localidade da seguinte forma, pegando o valor do rendimento nominal mediano mensal per capita dos domicílios particulares permanentes do meio rural, segundo o IBGE, que é de R\$ 625,00 por mês, multiplicado por oitenta, que foi a diminuição de

peças ao longo deste período e multiplicado por doze meses, temos uma perda anual de arrecadação para localidade R\$ 600.000,00 ao ano.

4. MOTIVAÇÕES PARA PERMANÊNCIA OU SAÍDA DOS JOVENS DO CAMPO

Este capítulo examina as motivações que levaram os jovens a sair ou a permanecer no campo, sendo as mesmas obtidas durante as entrevistas e visitas as propriedades dos residentes na localidade. Inicialmente analisaram-se as propriedades que foram arrendadas. Ao indagar os proprietários que arrendaram suas terras sobre o fato de não plantarem mais, as respostas foram:

“os filhos foram estudar e não pretendem viver da agricultura”, “já somos velhos e não temos mais força para trabalhar nas lavouras”, “arrendar dá dinheiro e não tenho preocupação”, “falta apoio do governo na aquisição de máquinas”, “agricultura depende de sorte”, ...

Dentre estas respostas podem-se eleger duas como sendo mais frequentes: dos filhos não darem prosseguimento a propriedade, ou seja, não há sucessão e a questão financeira.

Em relação à sucessão da propriedade, conversando com os filhos destes proprietários, eles relatam a dificuldade em viver da agricultura, pois os pais possuem áreas muito pequenas (em torno de 20 hectares), não sendo suficientes para realizar a divisão entre, por exemplo, quatro irmãos, em que cada um ficaria com somente 5 hectares, o que seria insuficiente para sustentar uma família. Eles mencionam que através do estudo, via universidade, tem um futuro mais promissor, independente da área de formação que escolherem.

Muitos ainda relatam que a vida que tiveram quando crianças, sendo obrigados a trabalhar em tarefas como: tirar leite, recolher ovos, capinar, arrancar arroz brabo e outros afazeres que a vida do campo, combinado com a imagem da angústia de seus pais sempre que um temporal, ou uma praga se aproximava das lavouras, gerando uma incerteza quanto ao resultado do trabalho de uma ano inteiro, os fizeram tomarem outros caminhos na vida.

Neste contexto, muitos proprietários, pais e avós, se deram conta que o arrendamento era a melhor solução para o problema da falta de mão-de-obra, explicando essa decisão pelo seguinte cálculo: se as propriedades têm em média 20 hectares de lavouras para produção de arroz, os valores cobrados de arrendamento ficam em torno de 40 a 50 sacos (média 45 sacos), o que gera uma renda anual de

900 sacos que comercializado a R\$ 32,00 o saco, traz um faturamento anual de R\$ 28.800,00, que corresponde a um ganho mensal de R\$ 2.400,00. E perguntam: “*quem ganha isto no comércio local?*”

Pode-se questionar, frente aos ganhos financeiros considerados bons pelos agricultores arrendadores, porque todos não arrendam. Esta mesma pergunta foi feita aos agricultores arrendatários e as respostas foram: “*meus filhos não estudaram e trabalham comigo, logo preciso de áreas maiores para poder nos sustentar*”, “*tenho equipamentos para plantar duzentos hectares por isso preciso de áreas maiores para pagar estes investimentos*”, “*a única coisa que sei fazer é plantar, por isto preciso disto para viver*”, “*quem arrenda é porque não sabe administrar*”.

Os arrendatários fazem o seguinte cálculo para comprovar seus lucros; em 20 hectares se produz em média 200 sacos ou 10.000 mil quilos por hectare, bem acima da média estadual que gira em torno de 7.500 quilos. Destes 200 sacos se paga 45 pelo arrendamento e outros 55 pelo custo da lavoura, gerando uma sobra de 100 sacos por hectare. O que corresponde a um lucro de R\$ 3.200 por hectare.

Os arrendatários são agricultores da própria localidade, geralmente a relação dentre eles e os arrendadores são de longo tempo. É comum pais arrendarem suas propriedades para os próprios filhos, eles então, ganham seus rendimentos da aposentadoria e parte da colheita. Esta situação chega a ser contraditória, porque quando seus filhos são solteiros e moram na casa dos seus pais precisam trabalhar na terra e geralmente não ganham parte da colheita, somente uma ajuda de custo. Mas quando assumem as lavouras, geralmente após estarem casados e com filhos, continuam morando com seus pais para ajudá-los e precisam pagar o arrendamento.

A situação da localidade da Picada do Rio se resume a concentração da produção das terras nas mãos das famílias que continuaram a investir na agricultura e cujos filhos permaneceram nas propriedades junto com seus pais. O diferencial é que as terras não estão sendo vendidas e sim arrendadas.

O trabalho de pesquisa mostrou que não se vende as terras por algumas razões que foram levantadas durante as entrevistas como: o ganho com seu arrendamento anualmente, os proprietários não desejam se mudar nem começar novos empreendimentos, culturalmente se desfazer de terras significa que a família “fracassou” para a comunidade local e outros.

Constatou-se, durante o trabalho de pesquisa, que na localidade existe uma tendência de aumento das terras disponíveis para arrendamento. Das 23 famílias que continuam produzindo em suas próprias terras, aproximadamente 8 não tem sucessores dispostos a continuar na agricultura e isto acarretará perdas maiores em termos populacionais para a localidade nos próximos anos.

A diferenciação das propriedades arrendadas atualmente para as que futuramente possam vir a ser é que os filhos destes prováveis arrendadores estão dispostos a vender a parte da propriedade que herdarão, para investir em outros lugares. O investimento mais citado durante as entrevistas, pelos filhos, foi a construção da casa própria na cidade.

A mecanização da agricultura e o processo de arrendamento geram uma perda significativa de população na localidade como veremos a seguir, porém, em termos de produtividade na lavoura ocorre o inverso, nunca se produziu tanto por hectare de arroz como atualmente, justamente pelo aumento da tecnologia aplicada na lavoura.

Neste contexto, é importante relatar o surgimento de três novas propriedades na localidade ao longo desses vinte anos, muito pouco comparado às treze propriedades abandonadas no mesmo período. Estes números comprovam o esvaziamento da população da região. As novas propriedades foram constituídas por filhos de agricultores de localidades vizinhas à pesquisada que compraram as terras e construíram suas moradias na Picada do Rio.

As empresas tiveram uma redução de 20%, de cinco empresas em 1991 para quatro em 2010 sendo que destas duas sobrevivem da comunidade local (posto de gasolina e cerealista) e as outras duas do comércio regional. As empresas que deixaram a localidade neste período foram uma madeireira e uma serralheria. A serralheria fechou as portas com o falecimento do proprietário e a falta de sucessores e a madeireira foi se instalar na sede do município de Agudo. Quando se perguntou ao empresário da madeireira se a troca foi satisfatória, a resposta foi:

“deveria ter feito isto ha muito mais tempo, aqui gira mais pessoas (sede), a mão de obra é mais abundante, as vendas são maiores, só progredi depois de ter tomado esta decisão”.

Perguntado também sobre a existência ou não de incentivo do poder público para continuar com suas instalações na localidade da Picada do Rio, ele respondeu:

“Olha é uma questão de mercado, de numero de pessoas, clientes. A aqui minha empresa fica mais visível e, portanto, se comercializam os produtos mais facilmente, acho que a única maneira de permanecer com a empresa no interior seria se tivesse mais infraestrutura como asfalto, telefone, internet, água encanada, etc... mas mesmo assim seria difícil pela questão do tamanho do mercado consumidor.”

Na localidade, instalou-se uma nova serralheria que ocupou o espaço da anterior, mas o proprietário desta diz somente aguardar uma oferta do poder público de um terreno no distrito industrial para se instalar também na sede do município. O proprietário da outra metalúrgica diz que não sairia da localidade de maneira alguma, pois se criou ali e espera ver ela crescer cada vez mais.

Os demais proprietários das empresas da localidade quanto indagados se desejam continuar na localidade, duas disseram que não tem como sair e nem gostariam porque seu patrimônio está todo imobilizado. Este é o caso do posto de combustível e da cerealista que possui silos, moega, balança.

Observa-se que o poder público tem possibilidades força de levar ou fixar as empresas no interior. No caso da madeireira, retirou a empresa do interior e levou para a sede, no caso desta metalúrgica irá agir da mesma forma. É difícil comentar se esta estratégia é correta ou não pois envolve inúmeros fatores, o certo é que isto aumenta a população da cidade e diminui a do interior.

As propriedades de prestadores de serviços que eram três em 1991 e que em 2010 desapareceram se justifica pela mecanização das lavouras e, pela mudanças nas relações empregado – empregador. Antigamente era comum existir contratos de parceria, o prestador de serviço trabalhava por um ordenado mensal mais uma participação no resultado da colheita. Após alguns proprietários terem sido acionados na justiça pelos prestadores de serviço e terem perdido e consequentemente pago valores altos aos mesmos esta modalidade terminou. Atualmente ou se é empregado com carteira assinada e com todos os direitos ou se trabalha, um ou outro dia esporadicamente para uma propriedade. Com isto os prestadores de serviços tiveram que vir para cidade ou ir morar na propriedade e trabalhar como empregados.

Em relação aos espaços comunitários e públicos estes permanecem os mesmos. Aqui cabe uma ressalva: que não foram incluídos no quadro de propriedades a igreja e o centro comunitário por não viver pessoas nestes lugares.

Com dificuldade a comunidade da igreja Evangélica Luterana de Picada do Rio sobrevive através das anuidades e das festas anuais.

Na escola Sete de Setembro os alunos cursam o primeiro grau, ela foi ampliada com a construção de novas salas de aula, de um ginásio de esportes e outras benfeitorias. O poder público municipal adotou como estratégia fechar escolas pequenas das comunidades vizinhas e concentrar os alunos, professores e colaboradores na escola da comunidade. Este fato fez com que aumentasse durante o dia o número de pessoas que circulam pela comunidade mas não o de habitantes. A justificativa para esta estratégia está na redução de custo para a prefeitura e na melhoria da qualidade de ensino pela concentração de investimentos em menos locais para educação.

A tabela 6 faz um resumo dos motivos que levaram os jovens a sair ou ficar nas propriedades, estes motivos foram identificados através das entrevistas realizadas com cinco jovens e seus respectivos pais que resolveram ficar e respectivamente com cinco que resolveram sair. Com base nestas entrevistas se elaborou a tabela 6, a seguir, em que se demonstram os principais motivos elencados pelos entrevistados para ficar ou para sair do espaço rural.

Tabela 6 – Motivos que levaram os jovens a ficar ou a sair

Ficar	Sair
A mecanização da lavoura tornou mais fácil a vida no campo.	Falta de perspectiva financeira quanto a atividade agrícola.
São donos do próprio negocio, não precisam ficar recebendo ordens de outras pessoas.	Não remuneração por partes dos pais para com o trabalho dos filhos durante a juventude
A falta de incentivo a estudar, limitou os horizontes,	A vivência durante anos com a aflição dos pais com a agricultura.
A qualidade de vida, e melhorias em tecnologia como a telefonia, internet, estradas, educação diminuíram as diferenças entre o campo e a cidade	Relacionamento entre pais e filhos
O fato de poder exercer duas atividades paralelas como produtor e serviços	A formação dos jovens em universidades e com isto a abertura de novos horizontes.
A necessidade de cuidar dos pais.	O problema da sucessão dentro da família e A falta de terra para todos os filhos poderem viver da agricultura

Fonte: Pesquisa de campo, 2013

Dentre os motivos que levaram os jovens a permanecer no campo a mecanização tem forte influencia. É comum que estes jovens tenham acesso a equipamentos como trator, colheitadeira, pulverizador (com cabine, ar condicionado, GPS, radio e outros). Possuir estes maquinários é motivo de orgulho para as pessoas e sinal de poder econômico e de boa administração. O aumento da tecnologia utilizada nestes equipamentos, como por exemplo, os controles via satélite do que seu colheu em determinada área da lavoura, obtido pela colheitadeira para depois informar na hora do plantio a necessidade de mais adubação ou não na mesma área, transformou o operador de máquina de uma pessoa sem estudo para uma pessoa qualificada, conseqüentemente aumentou a autoestima dos produtores.

O fato dos jovens serem donos do próprio negócio juntamente com seus pais e com isto não precisar estar subordinados a outras pessoas, a falta de estudo, o fato de poder exercer outras atividades paralelas a agricultura, a melhoria da qualidade de vida no interior e a necessidade de cuidar dos pais foram os principais fatores identificados na pesquisa que influenciam na hora do jovem tomar a decisão de ficar na propriedade.

Dentre os motivos que levaram os jovens a sair do campo o problema da sucessão dentro da família, o relacionamento entre filhos e pais, e falta de perspectiva financeira na agricultura podem ser elencados como os principais fatores que levam os jovens a sair do campo.

CONCLUSÃO

Os objetivos deste estudo de caso que foram identificar os motivos que levam os jovens a sair ou a ficar no campo, as consequências que estas decisões trouxeram para as unidades de produção e os prejuízos financeiros que o êxodo rural trouxe para a localidade de Picada do Rio. Este trabalho tem a pretensão de fornecer dados que auxiliem na ação de órgãos públicos para a projeção de estratégias referentes à fixação das pessoas nas áreas rurais e para auxiliar a elaboração de políticas públicas que visem à melhoria das condições socioeconômicas da população, o que, pode se refletirá no crescimento e desenvolvimento do próprio município.

Através deste estudo de caso, percebeu-se que o êxodo rural na localidade de Picada do Rio foi enorme, em duas décadas oitenta pessoas deixaram de morar na localidade, onze propriedades deixaram de existir e doze propriedades foram arrendadas. O número de famílias residentes na localidade conseqüentemente reduziu e se projeta como tendência o aumento de propriedades arrendadas e abandonadas para os próximos vinte anos.

Os principais motivos identificados na pesquisa para os jovens ficar na localidade está na mecanização e no aumento de receita das propriedades que permanecem devido ao aumento de área plantada através do arrendamento. Já os principais motivos para a saída destes jovens são o relacionamento com seus pais e a falta de perspectiva financeira devido a pouca quantidade de terra que herdarão no futuro.

Ações como cursos profissionalizantes para os agricultores (pedreiros, eletricitistas, mecânicos, serralheiros), formação de associações e cooperativas a fim de auxiliar na comercialização, a diversificação de culturas dentro das propriedades para sair da dependência exclusiva da cultura do arroz e do tabaco podem contribuir para permanência dos jovens no campo. Porém, sabe-se que depende de cada individuo o desenvolvimento da região onde habita e que não adianta somente esperar pelo poder público e sim buscar juntos o crescimento e o desenvolvimento através da participação na comunidade.

REFERENCIAS

CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 15, n. 2, p. 45-66, jul./dez. 1998.

COSTA, J. B. **Agricultura familiar, é possível ser feliz no campo**. Entrevista com Janete Basso Costa, publicada na edição 348 da revista Mundo Jovem, julho de 2004. Disponível em: <http://www.mundojovem.com.br/entrevistas/edicao-348-entrevista-agricultura-familiar-e-possivel-ser-feliz-no-campo>. Acessado em 10 mai. 2013.

DALCIN, D.; TROIAN, A; **jovem no meio rural a dicotomia entre sair e permanecer: um estudo de caso**. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/site/evento/SociologiaPolitica/GTs-ONLINE/GT7%20online/jovem-meio-rural-DioneiaDalcin.pdf>. Acessado em 03 mar. 2013.

DIEHI, A.; PAIM, D. C. T. **Metodologia e técnica de pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo, Prentice Hall, 2004.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999.

IBGE, **Cidades: Censo 2010**. Disponível em: www.ibge.org.br. Acessado em: 01 fev. 2013.

MARTINS, M. **Juventude e reforma agrária: o caso do assentamento rural paz na terra**, RJ. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. UFRRJ, 2008.

WERLANG, W. **Historia da colônia Santo Angelo**. Santa Maria: Pallotti, 1995.